

CENÁRIOS PARA A MINERAÇÃO DO BRASIL

DIAGNÓSTICO

O ambiente da mineração tornou-se extremamente competitivo nos últimos anos, acompanhando as tendências da economia global neste final de século. Dentre os vários fatores são responsáveis por esse fenômeno, destaca-se, em primeiro plano, a redução na demanda internacional. Que teve como desdobramentos principais o excesso de capacidade instalada e queda generalizada dos preços dos bens minerais.

Tal quadro ainda foi mais acentuado pela manutenção, ao longo da década de 80, da expansão de investimentos estatais em mineração na América Latina e na África, a despeito das condições desfavoráveis para os produtos minerais. Além disso, o aperfeiçoamento e a ampliação das práticas de reciclagem e substituição de metais, reduzindo a demanda de bens primários; o aparecimento e a afluência dos novos materiais, baseados em recursos mais abundantes e melhor distribuídos entre os países; e, finalmente, as vendas bruscas dos estoques acumulados pelos países ex-socialistas, empenhados em amenizar seus problemas de caixa face à crise surgida após as transformações ocorridas no Leste Europeu, acabaram por agravar ainda mais o referido quadro.

Mais recentemente, a indústria mineral luta, nos países desenvolvidos, para se manter e adaptar-se às crescentes exigências de uma legislação ambiental altamente restritiva e de onerosos encargos sociais. Em consequência, está em pleno curso um novo ciclo favorável ao desenvolvimento de novos empreendimentos no setor minero-metalúrgico em países como o Brasil, dotado de um potencial geológico privilegiado e de uma infra-estrutura e condições que poucos países em desenvolvimento podem oferecer aos investidores interessados.

Neste ambiente, as jazidas de classe internacional, a despeito da formação de blocos regionais de comércio em todo o mundo, ainda têm uma importância que ultrapassa as fronteiras desses blocos. Isso porque as vantagens inerentes à exploração de jazidas de alto teor ou baixo custo de produção são e serão, na maioria dos casos, insuperáveis, mesmo considerando o estado-da-arte atual da tecnologia mineral nos países mais avançados; além disso, a concepção dessas mega-estruturas econômicas é mais direcionada para as necessidades dos setores secundário e terciário da economia.

Tudo isso indica, inexoravelmente, que a migração da indústria mineral para os países em desenvolvimento vai acentuar-se nas próximas décadas.

A flexibilização da política e da legislação mineral, ocorrida ou em curso, em países como o México, Chile, Peru, Bolívia e até mesmo Cuba, está demorando a ser resolvida no Brasil, principalmente devido à postergação da inevitável revisão constitucional. Enquanto isso, cerca de 70 países em todo o mundo promoveram adaptações ou ajustes visando atrair o capital estrangeiro. Infelizmente, esta corrida de países em desenvolvimento, ao lado de alguns desenvolvidos, sinaliza para um aumento da capacidade instalada que poderá gerar superoferta de diversos bens minerais no início do próximo século.

Em consequência de nossas características geológicas e metalogenéticas, o maior desafio para o crescimento das exportações brasileiras reside na competição com alguns países como a Austrália, China, Índia, Rússia e

outros membros da CEI, além das economias mineiras tradicionais. Com exceção do ouro, os países latino-americanos possuem um patrimônio mineral que é mais ou menos complementar ao nosso, por conseguinte com reduzido poder de competição com o Brasil na arena internacional.

Num horizonte de longo prazo, se estiverem corretas algumas previsões da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento - OECD (Organization for Economic Development - OECD⁶), o Brasil terá em 2010 uma população de 248 milhões de habitantes, um PIB de US\$ 1.398 bilhões e uma renda per capita de US\$ 5.637, mais do dobro da atual.

O desempenho da indústria mineral brasileira na segunda metade da década de 90 irá depender da retomada do crescimento econômico do País, assim como da exploração de oportunidades no comércio exterior, principalmente em função de empreendimentos alicerçados em jazidas de classe internacional, os quais poderão resistir a movimentos cíclicos na curva de preços e na demanda do mercado externo.

Visão

Cenário A: se a política econômica do próximo governo (1995-1999) escolher a retomada do desenvolvimento econômico como uma de suas prioridades, o consumo de bens minerais essenciais à ampliação da infra-estrutura, programas de habitação, saneamento básico, implantação de novos pólos industriais, etc., terá um ritmo de crescimento mais acelerado. A redefinição do papel do Estado torna-se um item muito importante da agenda política e terá fortes desdobramentos sobre os investimentos a serem realizados em infra-estrutura, que deverão provir, em larga medida, de fontes do setor privado. Desse modo, os recursos oficiais seriam canalizados predominantemente para as áreas da saúde, previdência, educação e outras carentes de apoio governamental.

Cenário B: um cenário mais conservador para os próximos anos significaria a continuação do crescimento da produção mineral acompanhando a evolução do PIB, no caso do mercado interno, ou a evolução da produção industrial dos países desenvolvidos, no caso do mercado externo. Quanto ao mercado interno, prevê-se que as taxas mais prováveis de crescimento da produção de alguns bens minerais, tais como brita, areia, argila e calcário, no período de 1993-2000, irão se aproximar do valor de 4% ao ano. No que se refere ao mercado externo, as taxas de crescimento esperadas para aqueles bens minerais mais importantes da nossa pauta de exportação (minério de ferro, bauxita/alumínio, minério de manganês, ferro-níbio) serão pouco inferiores a 2% ao ano.

Cenário C: o pior cenário seria aquele em que o governo fosse incapaz de manter as atuais taxas de crescimento, em função de problemas múltiplos derivados da falta de recursos orçamentários, aumento da sonegação fiscal, crescimento incontrolável da economia informal, desarmonia entre o Executivo e o Legislativo comprometendo as reformas necessárias, volta da ciranda financeira e escassez de investimentos estrangeiros em atividades produtivas. Ainda assim, pode-se esperar que o crescimento médio da produção mineral tenha um desempenho melhor que o crescimento do PIB, embora a taxas menores que aquelas que ocorreram na década de 80.

⁶ inclui: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Itália, Irlanda, Islândia, Japão, Luxemburgo, Nova Zelândia, Portugal, Suécia, Suíça, Turquia,

AÇÕES RECOMENDADAS

- Valorizar o mercado interno, que deve ser uma prioridade da política econômica oficial. Todos os esforços devem ser dispendidos para garantir a melhoria do poder aquisitivo do consumidor brasileiro e, também, da sua qualidade de vida.
- O governo deve modernizar e tornar mais eficiente e eficaz a sua estrutura no campo político-institucional, de modo a remover os empecilhos que vêm dificultando as atividades da iniciativa privada, responsável que é pelo crescimento da produção mineral brasileira.
- Resolvidos estes pontos, o governo deve incentivar prioritariamente dois programas de grande alcance para o setor:
 - a) expandir os distritos mineiros já existentes, revelando todo o seu potencial e ampliando e aprofundando os seus vínculos com a economia local ou regional;
 - b) dar continuidade à abertura de novos empreendimentos minero-metalúrgicos na Amazônia, ou expandir aqueles já em operação, considerando o seu vasto potencial e as necessidades de sua população.
- O governo deverá ainda, conciliar a implantação de novos empreendimentos, em particular na Amazônia, com outras prioridades definidas para o uso e ocupação do solo, em sintonia com as determinações do Programa de Zoneamento Ecológico-Econômico. É importante, contudo, que as prioridades desse zoneamento sejam reavaliadas periodicamente, a fim de propiciar que novas áreas mineralizadas venham a se incorporar a planos futuros de desenvolvimento regional, quando for o caso.